

#ProtestoSP: algumas considerações sobre as narrativas do acontecimento nos portais de notícias e nas redes sociais da internet¹

Letícia de Abreu Rodrigues²

Ronaldo Henn³

Resumo

O artigo propõe uma reflexão sobre o enquadramento da narrativas dos portais de notícias e nos sites de redes sociais sobre o acontecimento das manifestações populares em São Paulo nos dias 13 e 17 de junho. Tomando como base os conceitos de acontecimento, enquadramento e redes sociais na internet, além de análises sobre os protestos, buscou-se compreender quais as lógicas narrativas nesses dois ambientes e como as redes sociais no ciberespaço tensionaram a cobertura nos portais noticiosos.

Palavras-chave

acontecimento; redes sociais; enquadramento; protestos; manifestações

Introdução

O objetivo desse artigo é fazer uma análise preliminar das narrativas dos portais de notícias na internet e nas redes sociais na internet sobre o acontecimento das manifestações populares em São Paulo durante os dias 13 e 17 de junho de 2013. A intenção é compreender quais as lógicas narrativas nesses dois ambientes.

A partir da comparação das narrativas nos dois dias de manifestação, pretende-se verificar se houve modificação do enquadramento dado ao acontecimento e como as narrativas nas redes sociais digitais tensionaram as produzidas nos portais noticiosos. Realizadas no mês de junho em várias capitais brasileiras, inicialmente como protesto contra o reajuste das tarifas do transporte coletivo, as manifestações convocadas via redes sociais na internet registraram intensa adesão no meio digital e começaram a atrair cada vez mais pessoas para as ruas, aspecto que diversificou a pauta de reivindicações. Com isso, começaram a ganhar visibilidade na mídia.

Num primeiro momento, essa visibilidade deu-se, principalmente, pelos atos classificados como de vandalismo praticados por alguns participantes e pelos confrontos com a polícia militar. Mas, com as manifestações em massa tomando as ruas no país e

¹Artigo apresentado no Eixo 2 – Jornalismo, Mídia livre e Arquiteturas da Informação do VII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura realizado de 20 a 22 de novembro de 2013.

² Acadêmica do curso de Especialização em Cultura Digital e Redes Sociais da Unisinos, é jornalista e relações públicas pela UFSM. Atua como editora da Agência de Notícias da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul. Email: leti_abreu@hotmail.com

³ Orientador do trabalho, é jornalista, mestre e doutor em Comunicação e Semiótica pela PUCSP. Atua como professor pesquisador do PPG em Ciências da Comunicação da Unisinos e como coordenador do curso de Especialização em Cultura Digital e Redes Sociais da Unisinos. Email: henn@unisinos.br

as redes sociais na internet, a percepção que se teve é que os jornalistas das mídias tradicionais tiveram que mudar o enquadramento das narrativas que até então vinham fazendo desse acontecimento. Uma das hipóteses para isso, além do tensionamento que as informações divulgadas nas redes sociais da internet sobre o acontecimento provocaram, foi a prisão e a agressão a jornalistas durante a manifestação em São Paulo, no dia 13 de junho. Numa análise preliminar, percebe-se que, a partir daí, a mídia tradicional começou a narrar esse acontecimento de outra forma: destacou a importância dos jovens saírem às ruas e fez analogia com o ocorrido em 1992, durante os protestos pró-impeachment do então presidente Fernando Collor de Mello.

A partir dessas percepções e de referencial teórico, realizou-se uma pesquisa exploratória, entre os meses de junho e agosto, a fim de não só atingir os objetivos já apresentados, como também compreender a construção desse acontecimento. Para isso, esse artigo está dividido em quatro partes: primeiro são discutidos os conceitos utilizados nesse estudo (acontecimento, enquadramento e redes sociais na internet); depois, apresenta-se informações sobre os protestos em São Paulo durante o mês de junho; em seguida, é descrita a análise realizada com base em 49 notícias em quatro dos principais portais brasileiros (UOL, Terra, G1 e Último Segundo) e 26 postagens em sites de redes sociais e de compartilhamento de vídeos (Twitter⁴, Facebook⁵ e YouTube⁶); por fim, são registradas as considerações finais.

Acontecimento, enquadramento e redes sociais

Um dos autores que trata do acontecimento é Louis Quéré (2005), que o define como "um fenômeno de ordem hermenêutica" e que só pode ser chamado como tal quando incide a alguém, ainda que indiretamente. Também ele refere-se ao acontecimento jornalístico ao dizer que "o papel dos mídia é, sem dúvida, decisivo enquanto suportes, por um lado, da identificação e da exploração dos acontecimentos, por outro, do debate público através do qual as soluções são elaboradas ou experimentadas". (QUÉRÉ: 2005, p.22)

4 Serviço de microblog que permite que sejam escritos textos de até 140 caracteres a partir da pergunta "O que você está fazendo?". É estruturado com seguidores e pessoas a seguir, havendo ainda a possibilidade de enviar mensagens em modo privado para outros usuários. (RECUERO, 2009a: p.173) Disponível em <https://twitter.com/>

5 Site de rede social lançado em 2004 que funciona através de perfis e comunidades e que, atualmente, é um dos sistemas com maior base de usuários no mundo. Em cada perfil, é possível acrescentar módulos de aplicativos (jogos, ferramentas, etc.). (RECUERO, 2009a: p.171) Disponível em <https://www.facebook.com/>

6 Site de compartilhamento de vídeos na internet. Disponível em <http://www.youtube.com/>

Nas palavras de Adriano Rodrigues (1993, p.27), o acontecimento é "tudo aquilo que irrompe na superfície lisa da história de entre uma multiplicidade aleatória de factos virtuais" e, quanto menos previsível for, mais chances ele tem de se transformar em notícia e fazer parte do discurso jornalístico. Ou seja, o acontecimento é a matéria-prima que pode vir a se tornar o produto jornalístico.

Essa transformação ocorre através de um processo narrativo, no qual o narrador é o jornalista. Esse profissional observa o mundo, seleciona os acontecimentos que têm possibilidade de serem narrados e constrói seu discurso. "Assim, os acontecimentos são transformados em notícia pelo sistema jornalístico, sendo a notícia, a unidade discursiva desse sistema". (BERGER e TAVARES: 2009, p.5)

Já Patrick Charaudeau (2006, p.156) explica que para que o acontecimento exista, é preciso nomeá-lo, já que apenas enquanto discurso ele irá adquirir um significado. E, para que isso ocorra, alguém tem que tornar esse acontecimento inteligível por meio de um olhar que o integre num sistema de pensamento. "Partindo do acontecimento, o jornalista interpreta e analisa em função de sua própria experiência, de sua própria racionalidade, de sua própria cultura, tudo isso combinado com as técnicas próprias a seu ofício." A partir de uma série de roteiros possíveis, ele faz escolhas e constrói sua narrativa midiática.

E é ao optar por um desses roteiros que o jornalista define o enquadramento que dará à narrativa, isto é, o ajuste do acontecimento a um quadro de referência que possibilita a atribuição de sentido ao que é narrado. Assim, "o enquadramento midiático é a operação principal pela qual se seleciona, enfatiza e apresenta (logo, se constrói) o acontecimento." (SODRÉ: 2009, p.38)

Elton Antunes (2009) apresenta considerações sobre algumas perspectivas teóricas relacionadas ao enquadramento ou aos frames, que podem ser entendidos como recursos simbólicos utilizados por quem narra uma experiência (ou acontecimento, no caso) e que servem para atribuir inteligibilidade e pertinência ao mundo social desse ator.

Em geral, os autores localizam os frames no interior dos sistemas de mídia, incluindo as relações entre os jornalistas e o ambiente das redações; junto aos receptores das mensagens midiáticas; e entre os atores, grupos e organizações dos diferentes campos sociais. Em termos de análise, os frames operam em

níveis cognitivos e textuais ou como padrões de discursos que aparecem em uma condição pública. (ANTUNES: 2009, p.87)

É por meio do enquadramento que o jornalista contribui para dar significação ao acontecimento a fim de que seu público possa perceber a realidade de forma singular. Isso significa dizer que o enquadramento se constitui em um modo, definido pelo narrador, para apresentar o acontecimento. Assim, um mesmo acontecimento terá narrativas diferentes a partir de enquadramentos propostos por jornalistas diferentes.

Mas, se antes do advento da internet esse processo de transformação de um acontecimento em notícia estava claro para os profissionais que faziam parte da comunidade jornalística, isso já não ocorre mais. Fala-se em crise das formas tradicionais de jornalismo. A perda do polo de emissão parece ser o ponto crucial nesse contexto, já que a internet possibilitou que qualquer pessoa com acesso à rede mundial de computadores possa produzir, remixar e disseminar informações. O surgimento do jornalismo colaborativo ou jornalismo cidadão é uma das consequências dessa mudança.

A relação do jornalista com o tempo também é apontada por Cecília Salles (2011, p.7) como um aspecto que vem se modificando nos últimos anos. "Agora, o noticiário é (ou pode ser) alimentado a cada minuto e o jornalista está diante de um texto não mais "acabado", mas sempre em processo." Assim, o texto está sempre em processo de escritura e o desafio é buscar novas formas de narrar o acontecimento, utilizando todas as possibilidades que a internet permite e não só reproduzindo a tradicional forma de fazer jornalismo, há muito consolidada na sociedade.

E uma das novas possibilidades proporcionadas são as redes sociais na internet, constituídas como representações dos atores sociais e de suas conexões. Trata-se de "uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores" (RECUERO: 2009a, p.24), em que o foco está na estrutura social, não podendo isolar os atores de suas conexões.

Por meio dessas redes sociais digitais, o que se percebe é a produção de narrativas compartilhadas, com diferentes enquadramentos, mas que, de certa forma, concorrem com as narrativas jornalísticas ou, pelo menos, tensionam esse campo de produção de

conhecimento. Fábio Malini, em "A narrativa nas redes sociais da internet", aponta as diferenças entre esses dois tipos de narrativas.

À diferença da narrativa jornalística, marcada pela autenticação dos fatos, hierarquização de fontes, predomínio do passado, busca de uma enunciação à distância do fato narrado e repetição de versões únicas; a narrativa colaborativa p2p é o relato feito por uma multiplicidade de perfis na internet que portam o tempo da linha do tempo (o agora), assumem o franco falar como regra para se alcançar a verdade, identificam-se como sujeitos unidos ao acontecimento, têm a republicação como estratégia de alargamento de audiência, o rumor como grande antagonista e a dissidência como elemento principal da formação do enredo geral da História.

Raquel Recuero (2009b) também aponta elementos para compreender essa relação entre a informação divulgada pelo jornalismo e pelas redes sociais na internet, defendendo que as redes não necessariamente produzem notícias, mas sim efeitos no jornalismo. Para compreender a questão, ela explica que elas podem atuar como fontes produtoras de conteúdo, como filtros de informação ou como espaços de reverberação dessas informações. Tais características, na visão da autora, trazem contribuições para o jornalismo, pois podem ser utilizadas como fontes, facilitando na busca de especialistas para auxiliar em determinada pauta; como forma de coletar e republicar informações obtidas por meio dos veículos informativos ou as que circulam dentro da própria rede; e como espaço de discussão das informações, onde as notícias são reverberadas.

Para a autora, tais relações são relevantes para o jornalismo, mas diferem dele.

Essas, assim, são complementares à função jornalística, não tendo o mesmo comprometimento que estes para com a credibilidade da informação, mas auxiliando a mobilizar pessoas, a construir discussões, e até mesmo, a apontar diversidades de pontos de vista a respeito de um mesmo assunto. (RECUERO: 2009b, p.50)

Por outro lado, essas redes sociais no ciberespaço podem também construir capital social⁷ para as matérias publicadas pelos veículos, concedendo, assim, credibilidade para a informação, pois ao “republicar uma matéria, o ator concede

⁷ Trata-se de um conceito que se refere “a um valor constituído a partir das interações entre os atores sociais” (RECUERO, 2009a, p.44), ou seja, ele é formado por um conjunto de recursos de um determinado grupo que pode ser usufruído por todos os membros do grupo, mesmo que individualmente, e que se baseia na reciprocidade (p.50)

credibilidade através do link, e igualmente recebe reconhecimento da rede social.”
(RECUERO: 2009b, p.51)

Em outro texto, Recuero (2012, p.12) defende a ideia de que essas redes são “meios de comunicação emergentes, capazes de difundir informações em uma escala global por causa dessa apropriação, através dos sites de rede social⁸”. E tais meios provocam efeitos que ainda precisam ser estudados para serem melhor compreendidos.

#ProtestoSP: algumas considerações sobre as manifestações

Durante o mês de junho, o país foi tomado por manifestações populares que surgiram para protestar, inicialmente, contra o aumento da tarifa de transporte público. Os atos, divulgados por meio de eventos no Facebook, mobilizaram as pessoas que foram às ruas lutar pelos seus direitos.

A primeira manifestação no Brasil com esse intuito, em 2013, surgiu em Porto Alegre, no fim de março de 2013, quando a tarifa do transporte público foi reajustada. No entanto, apenas quando os moradores da cidade de São Paulo também resolveram ir às ruas para protestar contra o aumento da passagem é que houve uma mobilização nacional. A partir de então, em atos nacionais, articulados e convocados via Facebook e demais sites de redes sociais, as manifestações começaram a ocorrer, simultaneamente, em várias capitais brasileiras (e, após cidades do interior).

A manifestação do dia 13 de junho foi a quarta realizada em São Paulo contra o aumento da tarifa de ônibus (antes, os protestos ocorreram no dia 12, 7 e 6 de junho) e a do dia 17 de junho foi o quinto ato na cidade. A convocação dos manifestantes, em ambos os protestos, ocorreu via Facebook, através da criação de um evento e a organização foi do Movimento Passe Livre de São Paulo (MPL).

Uma das análises sobre as manifestações no país foi feita por Raquel Recuero para a AG2 Publics Modem⁹ e apresenta algumas considerações sobre os movimentos em São Paulo. Sobre a relação mídia tradicional e redes sociais na internet, ela destaca que essas últimas oferecem um espaço democrático, em que são propagados vários discursos, que, muitas vezes, não recebem espaço na mídia tradicional. Por isso e como é fácil legitimar esses discursos, por meio de curtir, comentar ou compartilhar, eles

⁸ Segundo a autora, sites de redes sociais “são os espaços utilizados para a expressão das redes sociais na Internet” (RECUERO, 2009a, p.102)

⁹ Disponível em <http://www.ag2.com.br/reports/ag2protestos/assets/fallback/index.html> Acesso em 18 de julho de 2013

acabam se espalhando de forma diferente (pessoa a pessoa) do que ocorre na mídia tradicional (organização-pessoa). A respeito da manifestação do dia 13 de junho em São Paulo (em que os manifestantes usaram a hashtag¹⁰ #SP13j em alusão ao #Jan25 da Primavera Árabe), a pesquisadora relata que, nesse protesto, o confronto entre manifestantes e polícia foi mais violento que nos anteriores e, assim, os relatos que atingem tanto as redes sociais na internet quanto a mídia tradicional refletem a indignação pela violência da repressão. Na manifestação do dia 17 de junho, ela apresenta as palavras frequentemente associadas à hashtag #SP17j, destacando-se protestosp e vemprarua, além de apresentar a rede de palavras mais frequentemente associadas às hashtags #vemprarua e #changebrazil, no período de 17 a 21 de junho, e #passelivre, no período de 15 a 21 de junho.

A respeito da cobertura da mídia tradicional e da narrativa das mídias sociais dos protestos, é interessante a matéria de Marcelo Soares e Nelson de Sá divulgada pela Folha de São Paulo no dia 4 de julho, que mostra que o noticiário produzido por jornais, portais e TVs brasileiros dominou os compartilhamentos em redes sociais durante os protestos. “Entre 6 e 22 de junho, links da mídia brasileira responderam por 80% dos endereços de maior alcance nas principais “hashtags” das manifestações no Twitter, segundo dados do site Topsy. Só 5% eram postagens em blogs”, diz o texto. Na mesma reportagem, especialistas dizem que essas informações das mídias tradicionais compartilhadas nas redes sociais “tiveram o papel de embasar informações, opiniões e críticas dos manifestantes”.

Ao falar sobre essa matéria, em “Imprensa nas redes sociais: autoridade sem centralidade”, Fábio Malini diz que o jornalismo realizado pelas empresas possui autoridade (medida para demonstrar o quão valiosa é uma informação publicada em um perfil nas redes sociais), mas não centralidade (a capacidade de um perfil nas redes sociais atrair conexões, distribuir conexões, ser ponte para outras pessoas, articular mundos), que, durante os protestos, estava com os ativistas. Ele explica que as notícias produzidas pelo jornalismo das grandes e pequenas empresas são bastante compartilhadas pois “possuem acesso rápido ao poder constituído e a setores da sociedade civil. Concentram grana que possibilita essa proximidade e o controle das

¹⁰ Marcada pelo uso do sustenido (#), ela aponta para uma página em comum (HENN, HÖEHR; BERWANGER: 2012, p. 109), ou seja, os tweets em que uma hashtag é utilizada são agrupadas pelo próprio Twitter, virando um link que armazena o que foi publicado sobre determinado assunto

fontes”. Os perfis jornalísticos nas redes sociais, segundo o pesquisador, evitam o contato, a influência e, assim, perdem a centralidade.

Malini também analisou especificamente o protesto do dia 13 de junho em “A Batalha do Vinagre: por que o #protestoSP não teve uma, mas muitas hashtags”. Entre as suas considerações, estão a multiplicidade de hashtags utilizadas na narrativa desse protesto via Twitter (#passelivre, #contraoamento, #tarifazero, #indignação, #occupySP, #protestoSP, #13jSP), o uso de palavras-chave ao invés das hashtags (protesto, jornalista, ônibus, manifestantes, vinagre, bomba e não só a palavra tarifa) e a mudança da narrativa na rede (antes da ação policial o foco era o relato da passeata e depois, a narrativa sobre a ação policial)

Já em “ARS: A Escalada dos Protestos no Brasil”, Raquel Recuero analisa não só o protesto do dia 17, mas a escalada das manifestações ocorreram no país a partir desse quinto ato em São Paulo. “Ao que parece, a escalada dos protestos deve-se simplesmente à violenta repressão, narrada ao vivo nas e pelas redes sociais dos manifestantes em São Paulo e ontem, no Rio de Janeiro”. Ela mostra que, do ato do dia 13 para o do dia 17, houve a mudança das hashtags que representam o protesto e que são mais narrativas (#sp13j, #passelivre, #protestosp) por hashtags com palavras de ordem (#todarevolucaocomecacomumafaisca, #vemprarua, #hackeiaG1, #abaixoredegloboopovonaobobo). A mudança nas reivindicações dos manifestantes também é registrada por Recuero: a tarifa de ônibus deixou de ser a pauta principal e temas como a Copa, problemas na saúde pública, Rede Globo e manipulação da informação, entre outros, também passaram a motivar quem saiu às ruas.

#SP13j e #SP17j nos portais noticiosos e nas redes sociais da internet

A análise para este estudo baseou-se em 49 notícias em quatro dos principais portais brasileiros (UOL, Terra, G1 e Último Segundo) e 26 postagens em sites de redes sociais e de compartilhamento de vídeos (Twitter, Facebook e You Tube), relativas às manifestações realizadas em São Paulo nos dias 13 e 17 de junho de 2013.

O material foi coletado entre os dias 20 de junho e 4 de julho de 2013, por meio do mecanismo de pesquisa dos próprios sites de redes sociais utilizando algumas das hashtags ou palavras-chave mais utilizadas, conforme as análises de Fábio Malini e Raquel Recuero já mencionadas anteriormente, e buscando aqueles que foram mais

compartilhados, curtidos ou comentados (Facebook), exibidos (You Tube) ou retwettados, favoritados ou comentados (Twitter). Alguns dos posts no Twitter na primeira manifestação foram, inclusive, coletados a partir do texto de Malini relativo à Batalha do Vinagre, em que ele apresenta os 10 perfis com mais centralidade de autovetor¹¹ na conversação.

Foram analisados 24 matérias e 13 posts relativos à manifestação do dia 13 de junho e 25 matérias e 13 posts sobre o protesto do dia 17 de junho. Devido ao número de material coletado e por se tratar de uma pesquisa exploratória, optou-se por analisar os títulos das matérias, no caso dos portais noticiosos, pois eles já trazem indícios do foco dado à narrativa, já que o título deve ser um resumo da notícia.

A partir da análise, o material foi categorizado a fim de tornar mais objetiva a apresentação dos resultados. Os resultados são apresentados na *Tabela 1*.

CATEGORIAS	13 de junho		17 de junho	
	Portais	Redes Sociais	Portais	Redes Sociais
Conflito	15 (62,5%)	1 (7,69%)	5 (20%)	-
Testemunho	3 (12,5%)	3 (23,07%)	1 (4%)	1 (7,69%)
Crítica à mídia	-	1 (7,69%)	-	2 (15,38%)
Direito à manifestação	-	5 (38,46%)	-	-
Crítica à violência policial	4 (16,66%)	3 (23,07%)	1 (4%)	3 (23,07%)
Crítica à violência dos manifestantes	-	-	-	4 (30,76%)
Repercussão política	2 (8,33%)	-	2 (8%)	-
Ambiência	-	-	13 (52%)	3 (23,07%)
Convocações	-	-	2 (8%)	-
Análise	-	-	1 (4%)	-
TOTAL	24 (99,99%)	13 (99,98%)	25 (100%)	13 (99,97%)

Tabela 1 – Enquadramento nos portais de notícias e nas redes sociais digitais

Foram definidas 10 categorias para classificar todos os 75 objetos que compõem a amostra selecionada: conflito (narrativas sobre o confronto entre manifestantes e policiais, detenções), testemunho (narrativas de quem registrou o acontecimento), crítica à mídia (narrativas que criticam a cobertura da mídia tradicional do acontecimento), direito à manifestação (narrativas sobre o direito à livre manifestação), crítica à violência policial (narrativas criticando a atuação da polícia militar durante os protestos), crítica à violência dos manifestantes (narrativas criticando os atos de alguns dos manifestantes), repercussão política (narrativas sobre a posição das autoridades

¹¹ Conforme Malini, “é um modo de compreender a posição de um perfil e sua relação com outros espaços da rede. Quanto mais relações com outras subredes, mais centralidade de autovetor possui um dado perfil, ou seja, mais força é atraída por ele”.

públicas sobre o protesto), ambiência (narrativas que informam sobre o número de participantes, roteiro, bordões e situações curiosas do protesto), convocações (narrativas sobre a convocação para novas manifestações) e análise (narrativas em que especialistas analisam os protestos).



Figura 1 – Títulos de matérias em dois portais no dia 13 de junho

No primeiro protesto do dia 13, a maioria absoluta das notícias dos portais (62,5%) referem-se ao conflito entre policiais e manifestantes, no qual jornalistas também ficaram feridos. Já a maior parte das narrativas nas redes sociais digitais dizem respeito à defesa do direito de se manifestar (38,46%) e testemunhos do protesto (23,07%).

No protesto do dia 17, a maioria das narrativas nos portais de notícias foram enquadradas na categoria ambiência (52%), pois tratam do número de participantes, do roteiro percorrido, bordões utilizados, participação de famílias ou do “clima” do

protesto. Enquanto nas redes sociais no ciberespaço, as categorias que mais aparecem são a crítica à violência dos manifestantes (30,76%), a ambiência (23,07%) e a crítica à violência policial (23,07%). Através dessa categorização percebe-se claramente que o enquadramento das matérias nos portais noticiosos mudou de um protesto para o outro. Se, no dia 13, a questão do conflito entre manifestantes e policiais dominava os títulos, com uso expressivo do léxico de guerra (conflito, detido, atingido, bombas, atirar, feridos, preso, confronto, agride), como exemplifica a *Figura 1*, nas narrativas do dia 17, o aspecto mais ambiental, com informações sobre o andamento da passeata e busca de outros aspectos do evento é que prevaleceu (65 mil participantes, bordões usados, novos “caras pintadas”, clima de “calçadão”, protesto pacífico), como se percebe na *Figura 2*.



Figura 2 – Títulos de matérias em dois portais no dia 17 de junho

Tal modificação no enquadramento dado pelos portais noticiosos pode ser consequência da própria conversação nas redes sociais da internet, em que houve crítica à cobertura da mídia tradicional. A prisão de jornalistas nesse episódio também pode ter contribuído para isso.

A valorização do conflito nos portais reflete o conjunto de práticas jornalísticas consolidadas ao longo do tempo. A construção da notícia, como explica Traquina (2008), é condicionada a uma série de valores, os chamados valores-notícias. Conforme o autor, o modo de ver dessa comunidade de profissionais privilegia uma visão bipolar do mundo. “As regras de objetividade, bem como a vontade de simplificar e/ou estruturar o acontecimento de forma dramática, explicam esta visão bipolar”. (TRAQUINA: 2008, p. 47-48)

O gosto pelo drama, pela polêmica e pelo conflito, inclusive, é apontado pelo pesquisador como uma característica dos jornalistas. “Esta maneira própria de ver o mundo está intimamente ligada ao saber de reconhecimento e ao saber de narração, porque envolve os dois poderes fundamentais do campo jornalístico: a seleção dos acontecimentos e a sua construção como notícia”. (TRAQUINA: 2008, p.50) Ele também diz que a presença da violência física fornece mais noticiabilidade por exemplificar a quebra do normal.

Logo, o conflito entre manifestantes e policiais teve mais valor-notícia, na visão dos jornalistas e das empresas jornalísticas, do que outros aspectos desse acontecimento no dia 13 de junho. O que já muda no dia 17 de junho, ainda que o confronto entre os dois lados ainda seja registrado. Mas aqui entra em cena a intensa conversação nas redes sociais digitais, com críticas a esse modo “bipolar” de ver o mundo.

Já nas narrativas nas redes sociais no ciberespaço há uma divisão mais equilibrada com vários enquadramentos e não um absolutamente preponderante. Isso ocorre em ambos os dias, ou seja, não há um enquadramento dominante nessas narrativas como se verifica nos portais. Parecem ser, realmente, nas palavras de Malini, em entrevista publicada no site do Instituto Humanitas Unisinos, “narrativas monstruosas feitas de testemunhos, análises, replicações, comentários”.



Figura 3 – Postagens sobre o protesto do dia 13 de junho

No dia 13 de junho, a prisão de jornalistas e a repressão da polícia militar motivou muitos a protestarem pelo direito de poder se manifestar livremente, em alusão à repressão policial, como se percebe na *Figura 3*. A frase “não é por 20 centavos” é um exemplo, pois o movimento não pretendia só reduzir o valor da tarifa do transporte público, mas exigir melhorias nesse serviço prestado, além de outras pautas.

No dia 17, como exemplifica a *Figura 4*, as opiniões dos usuários sobre o protesto também se referiram aos atos de violência dos manifestantes.

Aqui cabe salientar que esses protestos foram singulares em sua articulação. Sem uma liderança única e convocando as pessoas por meio dos sites de redes sociais, eles, de certa forma, colocaram a maneira consolidada de narrar dos jornalistas em xeque. Agora não apenas esses profissionais detinham as informações sobre o acontecimento. Todos os que participaram e estavam conectados puderam narrar o acontecimento, criticar ou confirmar informações divulgadas na mídia tradicional: a narração não ficou nas mãos da comunidade jornalística, ela foi, de fato, democratizada.



Figura 4 – Postagens sobre o protesto no dia 17 de junho

Ou, nas palavras de Fábio Malini, em “Imprensa nas redes sociais: autoridade sem centralidade”, essa narrativa produzida nas redes sociais no ciberespaço não é uma narrativa “onde o narrador quer se esconder por trás de um nome e não revelar sua presença em cena, como faz o jornalismo tradicional. É um relato de presença e franqueza”. E, por isso, essa diversidade de relatos não pode ser transformada em uma única narrativa.

Apontamentos finais

Ao analisar as narrativas nos portais de notícias e nas redes sociais na internet relativas a dois dias de manifestações em São Paulo, no mês de junho, procurou-se

verificar se houve modificação no enquadramento dessas narrativas de um protesto para o outro. Percebemos que, em relação à imprensa tradicional, isso ficou muito claro, o que não foi o caso das narrativas nas redes sociais digitais, que mantiveram uma grande diversidade de relatos nos dois dias.

Por se tratar de uma pesquisa exploratória, não se conseguiu abarcar toda a complexidade envolvida nesse movimento social que, a exemplo de outros movimentos de ocupação global, foi motivado pela indignação e teve intensa repressão do Estado, representado pela polícia militar. Foram movimentos que foram crescendo em adesão e acabaram “conquistando” espaços privilegiados da mídia tradicional, primeiro pela narrativa dos confrontos entre manifestantes e policiais e, depois de todo o tensionamento provocado pelas narrativas nas redes sociais, pelos aspectos “positivos” das pessoas (especialmente os jovens) saírem às ruas para lutar por seus direitos.

Ao que tudo indica, o jornalismo tradicional ainda não estava preparado para cobrir um evento assim, que foge do seu modo de produção centrado em fontes oficiais, rotinas produtivas e no valor-notícia. A forma de narrar desses profissionais, consolidada ao longo do tempo, entrou em rota de colisão com a forma de narrar e a abrangência atingida por essa através das redes sociais digitais.

Nesse contexto, é preciso salientar que o jornalismo e os usuários das redes sociais digitais têm objetivos e lógicas narrativas diferentes. O primeiro preza – ou deveria prezar – a apuração rigorosa dos fatos e a exposição de “todos os lados” de um acontecimento, enquanto os ativistas do movimento querem relatar o que está acontecendo como forma de legitimar o próprio movimento para que mais pessoas participem e dando informações úteis sobre o andamento do protesto para quem pretende sair às ruas, além de questionar as informações divulgadas na grande mídia. Apesar disso, ambos narram um mesmo acontecimento, isto é, produzem e divulgam informações, proporcionando mais do diferente e não mais do mesmo, como se percebe na cobertura dos meios tradicionais. Ou seja, as narrativas nas redes sociais digitais são narrativas com enfoques diferentes e essa diversificação é o que assusta, pois se trata de uma “monstruosa” narrativa, nas palavras de Malini, mas que dá inúmeros elementos para se formar uma opinião sobre esse acontecimento. Isso já não ocorre no jornalismo tradicional que, em geral, traz mais do mesmo, isto é, veículos diferentes cobrem os mesmos acontecimentos e os enquadram de modo bastante similar.

Espera-se que os indícios aqui apresentados possam contribuir para avaliar o atual modo de fazer jornalismo e a importância que as redes sociais digitais têm na narração de um acontecimento. Além disso, espera-se que esse estudo, ainda que exploratório, possa auxiliar em pesquisas relacionadas ao tema das manifestações, servindo como ponto de partida para novas investigações.

Sugere-se que novos estudos sejam realizados para trazer mais subsídios sobre esse tensionamento que as redes sociais na internet estão provocando na forma tradicional de fazer jornalismo. Igualmente, essas manifestações populares que tomaram o país no mês de junho carecem de mais reflexões teóricas e pesquisas aplicadas, a fim de que sejam compreendidas. Isso é fundamental não só para a comunidade jornalística, que precisará estar preparada para essa nova dinâmica nas relações entre as ruas e a internet, mas também para a sociedade em geral, já que, ao que tudo indica, essa ligação deve ficar cada vez mais estreita e consolidar novas formas de movimentos de protesto.

Referências bibliográficas

ANTUNES, Elton. Enquadramento: considerações em torno de perspectivas temporais para a notícia. **Revista Galáxia**. São Paulo, n. 18, p. 85-99, dez. 2009.

BERGER, Christa; TAVARES, Frederico M. B. Tipologias do acontecimento jornalístico. *In: VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo*. São Paulo: USP, 2009. Disponível em: http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/christa_berger.pdf Acesso em: 18 de outubro de 2012.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

HENN, Ronaldo; HÖEHR, Kellen Mendes; BERWANGER, Gabriela Inácio. Transformações do acontecimento nas redes sociais: das mobilizações contra a homofobia à crise de dupla sertaneja. **Brazilian Journalism Research**. Volume 8, Número 1, 2012.

MALINI, Fábio. Mídia Ninja. “A disputa pelo poder midiático”. **Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, 10 de agosto de 2013. Entrevista concedida a Patricia Fachin e Ricardo Machado. Disponível em: www.ihu.unisinos.br/entrevistas/522589 Acesso em: 16 de agosto de 2013.

MALINI, Fábio. Imprensa nas redes sociais: autoridade sem centralidade. **Laboratório de estudos sobre Imagem e Ciberultura**. Vitória, 5 de julho de 2013. Disponível em: <http://www.labic.net/sem-categoria/imprensa-nas-redes-sociais-autoridade-sem-centralidade/> Acesso em: 08 de julho de 2013.

MALINI, Fábio. A Batalha do Vinagre: por que o #protestoSP não teve uma, mas muitas hashtags. **Laboratório de estudos sobre Imagem e Ciberultura**. Vitória, 14 de junho de 2013. Disponível em: <http://www.labic.net/cartografia-das-controversias/a-batalha-do->

[vinagre-por-que-o-protestosp-nao-teve-uma-mas-muitas-hashtags/](#) Acesso em 18 de junho de 2013.

MALINI, Fábio. A narrativa nas redes sociais da internet. **Laboratório de estudos sobre Imagem e Ciberultura**. 2010. Vitória, 31 de dezembro de 2010. Disponível em: <http://www.labic.net/blog-2/pesquisa/a-historia-nas-hashtag-a-colaboracao-na-producao-de-narrativas/> Acesso em: 20 de julho de 2013.

QUÉRÉ, Louis. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos – Revista de Comunicação, Cultura e Educação**. Lisboa, nº 6, 2005, p. 59-76.

RECUERO, Raquel. A Mudança de Agenda nos Protestos no Brasil. **Blog da professora e pesquisadora Raquel Recuero**. Pelotas, 18 de junho de 2013. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/arquivos/2013/06/a-mudanca-de-agenda-dos-protestos-no-brasil.html> Acesso em: 20 de de junho de 2013.

_____. ARS: A Escalada dos Protestos no Brasil. **Blog da professora e pesquisadora Raquel Recuero**. Pelotas, 17 de junho de 2013. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/arquivos/2013/06/ars-a-escalada-dos-protestos-no-brasil.html> Acesso em: 20 de junho de 2013.

_____. A rede é a mensagem: Efeitos da Difusão de Informações nos Sites de Rede Social. In: VIZER, Eduardo (org.). **Lo que Mcluhan no previó**. v. 1, p. 205-223. Buenos Aires: Editorial La Crujía, 2012. [versão rascunho/draf] Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/arquivos/redemensagem.pdf> Acesso em: 30 de julho de 2013.

_____. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009a.

_____. Redes Sociais na Internet, Difusão de Informação e Jornalismo: elementos para discussão. In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; SILVA, Fernando Firmino da. (org.). **Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009b.

RODRIGUES, Adriano. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e ‘estórias’**. Lisboa: Vega, 1993.

SALLES, Cecilia Almeida. Jornalismo em processo. In: **XX Compós**. Porto Alegre: UFRGS, 2011. Disponível em: www.compos.org.br/data/biblioteca_1677.doc Acesso em: 20 de julho de 2013.

SOARES, Marcelo; SÁ, Nelson de. Jornalismo domina rede social durante protestos pelo país. **Folha de São Paulo Online**. São Paulo, 4 de julho de 2013. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/07/1305911-jornalismo-domina-rede-social-durante-protestos-pelo-pais.shtml> Acesso em 5 de julho de 2013.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Vol. II. Florianópolis: Insular, 2.ed., 2008.